

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A Liberdade Pré-Código
5 Março de 2024

SHE DONE HIM WRONG / 1932
Uma Loira Para Três

Um filme de Mae West e Lowell Sherman

Realização: Lowell Sherman / **Argumento:** Mae West (não creditada), Harvey F. Thew e John Bright, segundo a peça “Diamond Lil” de Mae West (1928) / **Música e Canções:** Ralph Rainger / **Fotografia:** Charles Lang / **Montagem:** Alexander Hall / **Intérpretes:** Mae West (Lady Lou), Cary Grant (Capitão Cummings), Owen Moore (Chick Clark), Gilbert Roland (Sergei Stanieff), Noah Beery Sr. (Gus Jordan), David Landau (Dan Flynn), Rafaela Ottiano (Russian Rosie), Dewey Robinson (Spider Kane), Rochelle Hudson (Sally), Fuzzy Knight (Ragtime Kelly), Tammany Young (Chuck Connors), Grace La Rue (Frances Kelly), Louise Beavers (Pearl), etc.

Produção: William LeBaron, para a Paramount / **Cópia:** DCP, preto e branco, versão original, legendado electronicamente em português, 65 minutos / **Estreia Mundial:** 27 de Janeiro de 1933 / **Estreia em Portugal:** S. Luiz, em 22 de Maio de 1934.

Nota: o texto de MCF foi revisto pela última vez pelo autor em 2009, por altura da passagem do filme num programa “História Permanente do Cinema”. Precise-se que o histórico do pré-Código dos primeiros parágrafos referem a sua génese em 1930 e implementação efectiva em 1934.

She Done Him Wrong foi um dos muitos filmes que pelas suas audácias de linguagem e de costumes levaram à criação do “Código de Produção”, vulgo censura, em Hollywood. Começamos por delimitar bem a situação porque apesar do muito que se escreveu e escreve, muitas pessoas manifestam ainda algumas confusões sobre o chamado “código de produção” e a sua entrada em vigor. A série de escândalos que rebentaram na “comunidade” do cinema americano após a primeira guerra mundial (sexo e droga, só faltando o *rock ‘n roll*, mas lá estava o jazz, então a “música do diabo” para os puritanos), mortes por overdoses e crimes por ciúmes e etc., impôs a “necessidade” de uma regulamentação por parte das ligas de moral. Não veio só, porque essa vontade de “moralizar” o cinema é contemporânea da “lei seca”. A questão é que o cinema era já uma das indústrias mais rentáveis do país, o que levou a um regime de “tolerância”, ou melhor, de uma liberdade vigiada por um “gentlemen’s agreement” dos *moguls* com um organismo regulador criado por Will Hays na década de 1920. Era mais um acordo de palavra do que uma imposição. O fim dos anos 20 e os primeiros da década de 30 agudizaram a situação: na tela a violência tornou-se mais explícita e o erotismo evidente. O acordo foi revisto e passou a ter um carácter compulsivo. Não era uma censura “oficial”. Foi exactamente para evitar a entrada em cena de uma censura federal que o acordo foi assinado pela indústria do cinema com o “Hays Office”.

O que se estabelece é uma “auto-censura” dentro dos estúdios seguindo escrupulosamente as regras impostas pelo código. E como os filmes para serem exibidos precisavam do selo de aprovação deste, o esquema funcionava como uma censura “de facto”. O código entra efectivamente em vigor a 1 de Janeiro de 1934. Daí que a um cinéfilo atento não passem despercebidos certos pormenores que distinguem os filmes de antes e depois daquela data: em nenhum filme americano feito a partir daquela data e até cerca do fim da década de 1940 se encontra um casal deitado na mesma cama (há uma célebre excepção, a do filme de Billy Wilder, **The Major and the Minor**, para a qual João Bénard da Costa chamava a atenção na “folha” da Cinemateca). São visíveis também mudanças de vestuário para figurinos mais “pudicos” (as tangas de Tarzan e Jane crescem desmesuradamente) e audíveis as alterações em termos de linguagem.

Mae West foi a loura que mais engulhos provocou ao “Código”. Chegou mesmo a dizer-se que este foi criado para impedir que ela “abusasse” no cinema. Na verdade ela foi apenas um dos motivos, mas entre estes é mais que sabido que foi o “decisivo”. Porque ao contrário das outras vedetas (Jean Harlow ou Clara

Bow), Mae West já tinha atrás de si um “passado”. E que passado! Toda a vida e obra de Mae West, que se estreia no cinema em 1932, aos 40 anos de idade, foi um constante desafio às censuras e provocação às ligas de moral. Quando em 1933 adapta ao cinema a sua peça “Diamond Lil” era já com o objectivo de levar o seu combate contra a hipocrisia puritana a uma escala maior do que lho permitiam os palcos da Broadway. Nesse mesmo ano leva ao cinema outra obra sua, também provocante e arrojada como a primeira, mas já mais controlada. As pressões começavam a fazer-se sentir, e tornam-se efectivas a partir do ano seguinte. Apenas os dois filmes de 1933, **She Done Him Wrong** e **I’ m No Angel** se podem considerar reveladores do estatuto e do estilo de Mae West. A partir de 1934 os seus filmes passam por mais do que uma peneira até perderem todo o poder provocatório. Quem a conhece apenas desses filmes pode legitimamente interrogar-se das razões do escândalo com que o seu nome se identifica. É por isso que na ficha do começo deste texto damos “o seu a seu dono”. **She Done Him Wrong** é “um filme de Mae West” realizado por Lowell Sherman. Não só adapta a sua peça referida, como é autora da adaptação, embora o genérico o omita, e imponha a sua presença e estilo do começo ao fim.

She Done Him Wrong tem muito que se lhe diga e muito fez arrepiar o juiz Hays, porque a peça que fizera corar uns e divertir outros, passa com poucas mudanças para o cinema. A principal é a manobra de diversão usada para tornear o vigilante censor, a mudança de título, do original “Diamond Lil” para **She Done Him Wrong**, como a própria *Variety* refere na sua recensão aquando da estreia: “Nothing much changed except the title, but don’ t tell that to Will Hays”!. A linguagem (e a entoação que é fundamental, nos diálogos com Mae West, para alcançar os muitos subentendidos) e os temas, inclusive o pano de fundo de libertinagem, passaram quase inteiramente para a tela, acrescentando-se o reforço de uma bem executada reconstituição do fim de século na Bowery. E assistem-se a coisas inconcebíveis a partir do ano seguinte: a referência à escravatura branca (a personagem de Rochelle Hudson, que cai na teia de Gus Jordan-Noah Beery Sr), o álcool que corre a jorros, a corrupção, a inenarrável personagem de Cary Grant (em começo de carreira) que apesar de membro da polícia (secreto) passa toda o filme naquele meio e às voltas com Mae West, com a farda do Exército de Salvação (uma provocação mesmo à medida da actriz-autora), os jogos de sedução descarados desta com todos os que a rodeiam, passando de um para o outro sem transição, numa mistura de inocência e perversidade (que não é nem uma nem outra, mas sim a afirmação do poder de uma mulher que sabe bem o que quer e para onde vai). E, principalmente, algo que só um quarto de século depois se verá no cinema americano: um crime sem castigo e até bastante lucrativo. A questão é que tanto num caso (**She Done Him Wrong**) como no outro (**Vertigo**, de Alfred Hitchcock) a atenção do espectador se concentra noutros pormenores e acaba por esquecer o acto. É Lady Lou quem mata Flynn (somos todos testemunhas) e manda o guarda costas desfazer-se do corpo. E é ela a única que “escapa” quer ao castigo quer à “censura” moral do espectador, deliciado com o jogo de sedução em que enleia o capitão Cummings (Cary Grant) no fim.

De facto era um filme demasiado perverso, e Mae West uma mulher demasiado senhora do seu nariz, manipulando como ninguém o desejo que despertava, para andarem à solta naquele tempo. Will Hays não estava pelos ajustes. E não esteve, para nossa desgraça porque nos impediu de saborear novas e escandalosas provocações desta loura chamada Mae West.

Manuel Cintra Ferreira